

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

PROJETO DE PESQUISA

**Educação básica pública do Distrito Federal (1956-1964): origens de
um projeto inovador**

Entrevistado: Professor Antônio Fernando Paranhos Macdowell

Entrevistadora: Prof^ª. Eva Waisros Pereira e professora Cinira

Transcrição: Bruno de Alves Borges

Conferência e leitura final: Bruno de Alves Borges

Local: Brasília- DF

Data: julho/agosto de 2010

Gravação: DVD – R - 48 min. 8 s.

Páginas: 8

Biografia do entrevistado

Antônio Fernando Paranhos Macdowell é carioca nascido no ano de 1931. Muito cedo se interessou pela língua inglesa. Com uma formação que se iniciou entre os irmãos Maristas, obteve, após quase 10 anos de estudos, dois diplomas de proficiência em Inglês pela Universidade de Cambridge. Tomou aulas também na Universidade do Distrito Federal, chegando também a estudar Filosofia na Universidade do Brasil.

Ao final da década de 1950, após uma viagem aos EUA, se aproximou da ideia mudancista de Brasília e, em 1959, se mudou para um acampamento localizado na Asa Sul. Ali vivera e, lembrando, confirma que fora “uma experiência absolutamente inesquecível”. “Mac”, como é respeitada e intimamente chamado pelas entrevistas, foi um dos primeiros professores de Brasília, tem concorrido ao primeiro concurso público para dar aula no sistema educacional da nova capital. Destes tempos, e dos períodos de chumbo da ditadura Militar que se instalou em Brasília já no ano de 1963, mas sobretudo após 1964, passando por conflitos na CASEB e na Universidade de Brasília, o professor conta inúmeras memórias.

Resumo da entrevista

O entrevistado começa por contar da sua origem e de suas experiências na cidade do Rio de Janeiro e nos Estados Unidos, onde desenvolveu estudos. Daí comenta alguns momentos de vida prestes à grande mudança de sua vida: vir para Brasília, cidade que ainda estava completamente por fazer.

Nesse sentido, trata-se de uma entrevista rica e emocionante, já que a experiência de vir para Brasília, contribuindo para fundar um novo e inovador sistema de ensino da nova capital, tornou-se para o entrevistado um momento inesquecível, marca de um tempo de esperança e sonho.

A entrevista perpassa situações políticas drástica de luta pela educação, tanto em cidades satélites como Taguatinga, no início de sua fundação, como a crise política na CASEB, e na UnB, que depois de 1963 passaram a ser inteiramente visadas pelo patrulhamento anti-comunista que se formalizou no país após o golpe militar de 1º de abril.

Palavras-chave: literatura inglesa; ensino médio; horário integral; ciências e humanidades; inglês; CEMAB; CASEB; UnB.

Macdovel: Meu nome é Antônio Fernando Paranhos Macdovel, eu nasci no Rio de Janeiro que era então, obviamente, a capital do país, no dia 17 de junho de 1931. Estudei no externato São José dos irmãos Maristas e aos 14 anos já me interessei pela língua inglesa e me matriculei na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Lá eu cursei os 7 anos, consegui o primeiro e depois o segundo diploma da Universidade de Cambridge e mais adiante fiz um ano de Didática na então Faculdade do Distrito Federal. Ao final disso eu já entrei na Universidade do Brasil onde durante quatro anos estudei no curso de Filosofia. Lá tive professores extraordinários, mas especialmente o Padre Penido, que tinha vindo de uma universidade da Suíça para inaugurar o curso de Filosofia e também o professor Álvaro Vieira Pinto, extraordinário especialmente nas suas aulas de História da Filosofia. Antes de vir para Brasília, eu fui professor concursado no Colégio Naval, em Angra dos Reis. E como em 1957 eu havia passado um ano nos Estados Unidos estudando educação secundária, ao retornar fui também coordenador das atividades extra-classe do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia. Ambas as experiências foram extraordinárias para mim como professor. Lecionar no Colégio Naval, onde preparávamos aula por aula com antecedência de um o que deveria ser desenvolvido no ano seguinte. Era uma experiência de apuro em termos de conhecimentos para serem transmitidos adequadamente. E acho que isso o fazíamos bem. A experiência também de atividades extraclasse no Colégio de Aplicação pra mim foi extraordinário porque era alguma coisa nova e era uma experiência que pra mim extremamente importante não só em minha carreira como também aquela repercussão dos alunos em coisas fora do currículo normal de uma escola. Por que que eu vim pra Brasília? Eu diria que foram vários os fatores. Primeiro que realmente eu comecei a me familiarizar com o estilo de Juscelino de governar. Olhando para o Brasil como um país que deveria mudar seu rumo, de levar a civilização ao centro do país. E em 1957 fui como eu já falei aos EUA e ao retornar eu comecei a me fascinar pela idéia de Brasília. Como eu tinha trabalhado no IAPI consegui uma apresentação, e vim em julho de 1959 a Brasília e fiquei hospedado num acampamento da 305 enquanto o IAPI construía a super quadra 105. Foi uma experiência absolutamente inesquecível. Aqui se trabalhava de manhã, de tarde e de noite. E de noite era um turno como qualquer outro. Aquelas luzes iluminando os trabalhadores que trabalhavam ininterruptamente. A minha ida ao Congresso, ida em final de construção, passando por aqueles Ministérios todos eles em estrutura metálica. Aquelas arrebites, aquilo me fascinava. Voltei para o Rio já com a idéia de vir pra Brasília. E como certo dia vou ao Ministério da Educação, lá eu vejo que há uma comissão para regimentar os professores. Pegueis este documento e fui acredito um dos primeiros a se candidatar. Após as provas vim aqui para Brasília. Foi uma experiência absolutamente inesquecível.

Professora Eva: Professor, posso interromper só um minutinho? Porque se ao depois fica um pouco distante. Essa seleção pública que fui nacional, qual é a sua impressão em relação a esse processo? Porque esse foi um ponto muito importante, de se fazer um concurso nacional pra selecionar professores no Brasil. Qual a sua impressão sobre esse momento?

Macdovel: Eu acredito que eles foram muito felizes nessa seleção e eu digo porque. Me parece que seria muito difícil de realizar provas específicas para professores que estavam sendo arregimentados em todo país. Então todos já haviam demonstrado seu conhecimento específico em algum concurso, por exemplo, alguns vieram do colégio Nova Friburgo, que era tido como um dos colégio de excelência neste país, outros tinha feito concurso, o próprio professor Geraldo Costa Alves, era professor de Latim na Faculdade do Espírito Santo. Então cada um já tinha demonstrado conhecimento específico adequada para desenvolver a sua matéria. Mas houve uma prova sim, feita para todos os professores. Essa prova era de conhecimentos gerais. Na minha maneira de entender, era uma ampliação de uma visão pedagógica. Então era necessário que um professor conhecesse bem sua matéria e era necessário que ele tivesse uma visão mais ampla. Então houve esta segunda parte. E mais ainda. Nós viríamos para trabalhar numa capital, ainda com seus prédios fundamentais prontos, mas muito ainda para ser construído, será que esse professor se adaptaria a essa nova situação? Então houve uma entrevista para verificar se ele realmente se adequava a esta nova situação de vida. Eu acho que realmente foi um critério extremante bem elaborado.

Professora Eva: Obrigada, vamos prosseguir então dizendo sobre sua vinda a Brasília e seu ingresso ao sistema aqui.

Macdovel: aqui nós viemos, e se me permite uma pequena divagação, um livro sobre o Juscelino, a vida de Juscelino, sabemos nós ele visitava todas as obras. E num momento ele foi à Catedral de Brasília. E tinha alguém fazendo uma coisa que ele chamou atenção. E ele perguntou, "o que você está fazendo". E ele disse: "estou construindo uma Catedral". Foi este espírito que nos inspirou na vinda a Brasília. Nós tínhamos consciência de que não estávamos apenas lecionando numa escola, por mais importante que ela fosse, mas era ao início de uma escola que iria certamente influenciar futuros dirigentes, iria possivelmente fazer a construção de uma mentalidade nova, de um país mais progressista, de um país mais ligado àquele interior que havia sido abandonado. E isso nós tínhamos, pelo menos um grande grupo tinha isso muito claro em sua mente. Nos não estávamos apenas lecionando, nós estávamos criando um país com uma mentalidade que superasse tantas desigualdades. Era um país que rumava para o futuro, esquecendo tantas mazelas do passado.

Professora Eva: Eu imagino realmente eu me sinto emocionada como você professor Mac, eu imagino a grandiosidade de sentimentos, desse momento, um momento histórico importante e esse seu depoimento na verdade foi de muito colegas, como por exemplo Pimentel, professor Pimentel, professora Renée Simas, e tantos outros que realmente chegaram com muito idealismo pra construir algo novo não só em matéria de educação, mas no Brasil, porque se sabe a íntima ligação entre educação e sociedade. Sociedade se forma por esse processo de educação. Então eu imagino o quão importante que foi. E aí então, como é que se deu então o início dessa convivência no meio?

Macdovel: Bom o contato com os colegas era extraordinário, nos entendíamos quase como uma família. Em pouco tempo nos visitávamos, a noite muitas vezes nós que estávamos no JK íamos à casa de um colega e ali contávamos anedotas, brincávamos. Nossos alunos começaram a perceber que isso era uma realidade, eles passaram oito horas conosco, mas isso pra eles talvez parecia quase que insuficiente, era uma tal amizade que eles também uma vez ou outra, dois, três, quatro, apareciam e riam junto conosco. Era um mundo diferente, era um mundo aberto para o que fosse de melhor para cada um de nós. Tanto como professor como para aluno, havia uma convivência de forma extraordinariamente humana e afetiva, e nunca se faltou ao respeito. Me chamavam de Mac mas nunca recebi a menor manifestação de falta de respeito. E o resultado foi que nossas turmas eram alguma coisa de surpreendente. Eu lecionei numa primeira série de segundo grau, inglês, tínhamos uns livros, 25 livros que distribuíamos, abríamos, líamos um texto, fechávamos e íamos tendo as idéias fundamentais, depois de ter essa primeira parte abríamos e estudávamos aquele texto, e depois vinham os exercícios. Nós tínhamos aproximadamente três aulas pra desenvolver a matéria a quarta era sempre de auxílio aos alunos, nos exercícios, então a convivência ia sendo cada vez mais aumentada e purificada no seu sentido mais amplo da palavra. Era uma relação de amizade e que a gente transmitia o que a gente sabia e os alunos aceitavam e demonstravam em suas provas conhecimentos que anos depois eu vi por algum acaso uma prova que eu tinha e “meus deus do céu eu pedia isso a meus alunos”? E eles respondiam adequadamente. Quando eu entrei na parte de Filosofia quer foi em 1961, 1962, acredito, resolvi dar um curso de história da filosofia. Dar, entre aspas, porque foi praticamente dado pelos alunos. Eu comecei com uma duas aulas que eu abordei os problemas fundamentais da matéria, o quê que interessava quando os filósofos estudavam a realidade humana, e o primeiro aluno que apresentou os três primeiros filósofos, deu uma aula de tal forma extraordinária que eu pensei “meus deus que curso que vai ser este”, e foi assim até o final. Houve uma aluna que desenvolveu Platão em cinco aulas, e uma que desenvolveu Aristóteles em sete aulas. E eles discutiam quase que no nível universitário. Eu não me recorro dos nomes dos alunos, mas este que deu a primeira aula, entrou direto no Itamaraty. E a que deu as sete aulas sobre Aristóteles, entrou

direto no Itamaraty. Nessa época não havia curso universitário preparatório, e nossos alunos entravam num dos exames mais difíceis que existia nesse país. Tinha que conhecer profundamente História, Geografia, e três línguas, Português, Inglês e Francês. Entende? Então nossos alunos nos surpreendiam a cada momento, a cada aula. Era apenas o tempo empregado para o estudo, nessa época a televisão era extremamente rudimentar, e tudo, eles viviam para os estudos.

Professora Cinira: Mac, isso aí você acha que era influência do horário integral?

Macdovel: Ah isso com certeza absoluta, com certeza absoluta. Sem falar nos clubes, porque então além das aulas comuns, havia clube praticamente de tudo, clube de inglês, clube de francês, clube de cinema, cinema não me recordo, clube de dança, clube de culinária.

Professora Eva: Música

Macdovel: clube de música.

Professora Cinira: Geografia.

Macdovel: Como de geografia, Dona Nelita, uma das vezes eu fui com ela, pegou um grupo de alunos e fomos visitar Três Marias, era aquele entusiasmo pelo que Juscelino representava. Juscelino realmente na minha maneira de entender foi um brasileiro da maior competência, da maior visão, transformou este país, transformou este país.

Professora Eva: Inclusive especificamente no projeto educacional de Brasília, Anísio Teixeira teve um papel fundamental, porque foi ele que elaborou o plano, o plano inicial, o Plano de Construções Escolares e que visualizou este funcionamento, através desse ideário que ele já trouxe de Dewey, do pragmatismo, etc. E isso provavelmente influenciou muito também nessa concepção. Agora quando você fala em, você fala, por exemplo, na ala de Inglês, especificamente, que havia três aulas e mais uma quarta de apoio.

Macdovel: Exato!

Professora Eva: Isso era assim, já dentro do horário escolar?

Macdovel: Dentro do horário escolar.

Professora Eva: Nos dois turnos? Ou, por exemplo, os alunos que tinham as aulas...

Macdovel: Os clubes eram mais ao final da tarde, agora as aulas regulares eram mais durante a manhã e algumas no início da tarde. E começou tudo na CASEB. Com o final de 1960, houve então a utilização do Elefante, todo ele

ligado ao segundo grau. Com todas as condições possíveis e imaginárias de um colégio absolutamente de excelência, nós tínhamos laboratórios, tínhamos salas para os chefes de departamento. Nosso chefe era uma pessoa absolutamente extraordinária que era o Geraldo Costa Alves. E ele fazia aquela divisão de trabalhos com uma calma, com uma clarividência absolutamente extraordinária.

Professora Eva: Aliás essa estrutura que você fala de departamentos era uma coisa muito nova né, na organização escolar?

Macdovel: é possível que fosse, por exemplo, no Colégio Naval nós não tínhamos essa divisão não.

Professora Eva: E como funcionavam essas chefias, eram indicados pelo diretor? Como é que essa estrutura se operacionalizava?

Macdovel: Eu tenho quase certeza que nós elegemos o Geraldo como nosso decano num é? Era extraordinário, era uma pessoa competentíssima, muito calmo, uma pureza de coração extraordinária.

Professora Eva: Certo.

Professora Cinira: Inaudível.

Macdovel: Também.

Professora Eva: Agora, por exemplo, havia as áreas afins, um coordenador e a equipe trabalhando?

Macdovel: Exatamente.

Professora Eva: Como é que funcionava internamente?

Macdovel: Nós tínhamos uma sala relativamente boa, com um quadro negro e o coordenador se tinha alguma coisa em termos de horário, alguma determinação mais específica ele colocava no quadro. E se nós tínhamos alguma dúvida nós nos dirigíamos a ele naquele intervalo de uma aula pra outra. E isso inclusive criava um clima de muita amizade entre nós. Claro que nós tínhamos também a amizade entre nós professores de modo geral. E tivemos aqui um período em que um Secretário de Educação se entusiasmou tanto com o problema de educação entre nós professores que ele, eu me lembro uma vez de uma reunião, na casa de Mário Coutinho, que também era um professor extraordinário de Biologia, e lá nós discutíamos nossos problemas com toda a franqueza, com toda sinceridade, e vivíamos, portanto, uma vez mais, junto com o Secretário de Educação, quais eram os problemas que estávamos enfrentando e a melhor maneira de encaminhar.

Professora Eva: Isso em que ano?

Macdovel: Esse Secretário, não me recordo o nome dele, vibrava conosco, a gente sentia, e nós com ele.

Professora Eva: Foi em que ano mais ou menos isso?

Macdovel: Isso foi no ano de 1961/1962, é. Em 1963 eu fui pra Taguatinga pra ser diretor do colégio de Taguatinga. O primeiro diretor foi o Roberto...da nossa turma.

Professora Cinira: Araújo Lima!

Macdovel: Araújo Lima. E depois foi Alda Baltar. E eu fui o terceiro diretor. Nesse ano realmente acho que conseguimos uma coisa de importantíssimo para a escola, porque o colégio de Taguatinga tinha uma área pequena e, com isso, tinha muitas limitações. Pois muito bem uma área imensa ao lado tinha simplesmente uma placa que dizia *camping* clube de Taguatinga. *Cowntry* clube de Taguatinga e não *camping* clube de Taguatinga. Ora como se pode, era um absurdo, um clube de campo no meio do centro da cidade e aí eu comecei a investigar e verifiquei que eles tinham colocado a placa lá mas eles não eram senhor do. E aí eu comecei junto com alunos e professores a estudar o problema, eu acho que esse pessoal colocou essa placa, mas esse pessoal não tem esse direito. E eu me lembro que numa das vezes eu fui até a parte administrativa e disse eu sou o diretor do colégio de Taguatinga e nós estamos com um problema nós precisamos de ampliar a área de atuação, e estamos restritos a uma área relativamente pequena, entretanto tem uma placa ao lado *cowntry club* de Taguatinga, nós achamos isso estranho, no meio da cidade, um centro. O senhor quer impor aqui alguma ordem? Eu disse: não senhor, perdão, aqui eu sou o diretor de uma escola, estou falando em nome de professores e alunos, de tal maneira que eu gostaria que o senhor, já que me falou assim, me mostrasse o documento pelo qual o *cowntry club* é o proprietário dessa área. E ele, claro, não me mostrou. Então entramos num processo de assegurar que aquele terreno poderia ser nosso. E alunos e professores demarcaram e a coisa caminhou e simplesmente foi integrado ao colégio. Esse terreno era tão grande que conseguiu se fazer a Escola Normal de Taguatinga lá. Com sua Escola de Aplicação. Realmente eu acho que foi, foi um trabalho muito bonito junto com alunos e professores.

Professora Eva: e nesse início em que você foi diretor, o sistema lá também era de horário integral?

MacDovel: também, também, também, eu alguma vezes fiquei na escola de manhã, de tarde e de noite. E de noite.

Professora Cinira: CEMAB

Macdovel: SENAC né? Asa Branca?

Professora Cinira: CEMAB.

Professora Eva: muito muito importante. Agora voltando um pouco aqui a esse período da sua experiência em Brasília, você pelo que eu consegui perceber você lecionou basicamente Inglês, Filosofia, suas disciplinas?

Macdovel: sim as duas que eu posso lecionar. E depois eu vim aqui e passava uma parte do meu período como professor aqui na manhã, foi uma experiência absolutamente extraordinária: ser professora do Departamento de Línguas da Universidade de Brasília. O nosso diretor, o nosso chefe, chama-se Scot Bucleu.

Professora Eva: já que ano que você veio pra cá?

Macdovel: isso foi...eu sou ruim pra datas.

Professora Eva: só pra nos situar, depois de criada a universidade.

Macdovel: 1964 a 1969, eu acho. Foi. Foram cinco anos que eu lecionei aqui. Ele também era aquele homem de uma competência extraordinária, e um homem que dirigia, que a gente não sentia aquela coisa sabe, ele estabelecia as diretrizes mas com tanta tranqüilidade, com tanta segurança que era um prazer trabalhar aqui.

Macdovel: agora.

Professora Eva: agora você teve esta experiência também aqui. Agora nessa época em que você esteve aqui você conciliou com o sistema ou você veio requisitado, como foi a sua situação? Você...depois de 1964?

Macdovel: Depois.

Professora Eva: Depois de 1964, a gente sabe com o golpe militar muitos professores foram afastados, Fábio Bruno, Renné Simas...

Macdovel: Eu tive a triste experiência de ver a universidade de Brasília invadida por militares, inclusive uma cena que ficou assim tão marcada em minha memória. Estávamos na sala dos professores e alguém chega com uma metralhadora. E eu disse: amigo, nós estamos com uma colega que está grávida e isso possivelmente poderá ser ruim pra ela. E felizmente, ao invés de ter entrado uma rajada de metralhadora ele abaixou. Pouco depois eu vi os estudantes serem colocados na sala de esportes, sem camisa, como se fossem criminosos de guerra, e depois vim a saber que eles passavam nos laboratórios e baixavam quebravam os microscópios, coisas desse tipo, infelizmente, como diz o outro, sou testemunha ocular disso.

Professora Eva: mas agora você não teve problemas no sistema público nessa época, como, por exemplo, Fábio, Renné...

Macdovel: já que houve essa pergunta eu devo confessar o seguinte: nós viemos infelizmente realmente isso é verdade, com uma promessa que de seríamos instalados em apartamentos de dois, três quartos. E nos colocaram nos JK, como chamavam, uma coisa híbrida, homenagem ao Juscelino, mas talvez não tanto homenagem, janela e kitchnet, era um quarto só, então tinha professores casados, com filhos e tudo e ao voltar de férias, no início de agosto, não era greve, realmente, não era questão de mudar a coisa porque greve é melhoria de salários, praticamente, sempre, nós queríamos a mudança da nossa situação em termos de residência, e por uma bruta coincidência, havia toda a quadra 21 que estava na frente tanto, praticamente no meio entre o Elefante e a CASEB, portanto era a quadra que mais nos serviria, sem sombra de dúvida, e aí então nós fizemos um movimento e essas casas foram distribuídas por um critério estabelecido entre nós mesmos, quem tinha mais filhos e tudo, teve as primeiras escolhas, assim por diante, e foi distribuído entre os professores. Infelizmente, eu teria que dizer isso, aqueles que lideravam este movimento, foram afastados da CASEB, perderam a sua condição de professor no ensino público de Brasília e isso constituiu um problema sério pra eles pra eles terem que se reestruturar, querendo ficar em Brasília. E houve um clima de, assim, uma certa desavença digamos assim entre certos professores e os que continuaram. Mas a vida continua, repetindo um pouco a palavra, mas acontece o seguinte, sempre permaneceu um pouco de certa intranquilidade quando alguns se encontravam. Mas realmente a partir da ida do segundo grau pro Elefante Branco, então foi praticamente um tripé, começou a CASEB, depois veio continuou com o primeiro grau, o segundo grau se estabelece todo no elefante branco, e aí mas há um ramo que precisa ter um tratamento melhor, mais adequada, é a escola normal, que se estabelece num puxado em madeira né, pra nós que gostávamos de tudo e aqui também era fascinante, e por aí vai. E para a nossa satisfação, começa a, então esse era o tripé do ensino de primeiro e segundo grau, muito bem instaladas mas nós não tínhamos, pelo menos eu num tinha, um contato maior com o que era feito, mas sabíamos que era bem feito, nas escolas, que eram típicas de centro de Super Quadra, muito bem imaginada essa idéia né, de não ter o pai, a mãe a preocupação de levar prum lugar um pouco mais distante, mas isso tudo era o primeiro grau. Então surge a UnB como a complementação para um país que precisava revigorar tanto e em tantos aspectos de sua cultura, por exemplo, apenas uma coisa muito significativa: a escola de Medicina faz a sua, o seu Hospital Escola em Sobradinho, quando hoje se fala em médico de família, em medicina preventiva, parece que tá se falando de uma novidade, médico de família e medicina preventiva, no início da universidade de Brasília era coisa mais naturalmente aceita, tínhamos aqui o departamento de música sob os cuidados de Cláudio Santoro, ele já estava antes infelizmente no movimento, especialmente depois de 68, como uma universidade de nível internacional porque ele mandava vir, de onde estivesse, de algum lugar, de onde estivesse precisando de um flautista, saxofonista, um

outro músico. Um professor de Filosofia enchia um auditório aqui na UNB, um professor de física se comunicava com seu colega em Genebra, e por aí, os alunos faziam festival de música com músicas belíssimas, com letras extraordinárias, então infelizmente, não posso precisar qual o motivo, qual o momento exato, mas a universidade aquele pedido coletivo de saída de professores e o ensino foi caindo vertiginosamente, aquele sonho de Brasília até certo ponto foi infelizmente levado num sei se é um pesadelo, mas pelo menos a um caminho que não era aquele que nós sonhávamos, nós sonhávamos realmente em ter Brasília como foco de mudança radical de mentalidade. Não é só trazer, isso aí era fundamental, trazer o desenvolvimento para o país aqui, mas também também a mudança de uma mentalidade, infelizmente isso me parece que foi um golpe duríssimo que se teve de enfrentar, na minha maneira de pensar.

Professora Eva: muito obrigada Mac, eu acho que você falou tudo que era importante a gente ouvir, sabemos que você teria muito mais a relatar, mas penso que o que você disse já é bastante esclarecedor, nós agradecemos muito essa oportunidade de entrevistá-lo.

Macdovel: eu também que agradeço terem pensado em mim para depor sobre alguma coisa que eu vivenciei e posso garantir que vivenciei com muita alma.

Palmas!